

ESPORTES

correiobraziliense.com.br/esportes - Subeditor: Marcos Paulo Lima E-mail: esportes.df@dabr.com.br Telefone: (61) 3214-1176



Mauro Pimentel/AFP

Rio Open

Dois dias depois de conquistar o ATP 250 de Buenos Aires no último domingo, o tenista brasileiro João Fonseca, número 68 no ranking mundial, não suportou o cansaço da maratona na Argentina e foi eliminado do Rio Open, ontem, por 2 sets a 0 pelo francês Alexandre Müller. As parciais foram de 6/1 e 7/6. Com o resultado, o Brasil só terá Thiago Monteiro nas oitavas de final na Cidade Maravilhosa.

FUTEBOL Manifestações contra grama sintética e jogos em temperaturas extremas abrem agenda de insatisfações dos jogadores. Brasil vai na contramão de ligas europeias e da NFL no debate sobre pisos artificiais. Reversão para tapete natural não é tão simples

Campo de batalha

Cesar Greco/Palmeiras



O gramado do Allianz Parque é um dos três pisos sintéticos para a disputa do Campeonato Brasileiro em 2025

MARCOS PAULO LIMA

Gerson liderou movimento contra jogos vespertinos no forte calor no Rio e foi atendido. Neymar, Memphis Depay, Gabriel Barbosa, Dudu, Thiago Silva, Lucas Moura, Bruno Henrique, Alan Patrick e outros jogadores viralizam uma campanha nas redes sociais pelo fim do uso de grama artificial no Brasil com o slogan "Juntos pelo espetáculo. Futebol é natural, não sintético". A temporada começa com os artistas do espetáculo formando grupos em aplicativos de mensagem instantânea com um objetivo comum: sair da defesa para o ataque em nome de melhores condições de trabalho. Há negociações para outras reivindicações em breve.

A questão do gramado sintético ganhou fôlego com o retorno de Neymar ao país. O Santos pretendia mandar jogos em São Paulo no Pacaembu e no Allianz Parque para os fãs da capital. A volta do camisa 10 engavetou a ideia. Aos 33 anos, o craque recusa se expor ao risco de lesão em pisos duros. Há dois anos, Luis Suárez assinou contrato com o Grêmio, mas impôs uma cláusula para não participar de partidas em campos sintéticos.

"Preocupante ver o rumo que o futebol brasileiro está tomando. É um absurdo a gente ter que discutir gramado sintético em nossos campos. Objetivamente, com tamanho e representatividade que tem o nosso futebol, isso não deveria nem ser uma opção. A solução para um gramado ruim é fazer um gramado bom, simples assim."

Nas ligas mais respeitadas do mundo os jogadores são ouvidos e investimentos são feitos para assegurar a qualidade do gramado nos estádios. Trata-se de oferecer qualidade para quem joga e assiste.

Se o Brasil deseja definitivamente estar inserido como protagonista no mercado do futebol mundial, a primeira medida deveria ser exigir qualidade do piso que os atletas jogam e treinam.

Objetivamente, com tamanho e representatividade que tem o nosso futebol, isso não deveria nem ser uma opção. A solução para um gramado ruim é fazer um gramado bom, simples assim.

Nas ligas mais respeitadas do mundo os jogadores são ouvidos e investimentos são feitos para assegurar a qualidade do gramado nos estádios. Trata-se de oferecer qualidade para quem joga e assiste.

Se o Brasil deseja definitivamente estar inserido como protagonista no mercado do futebol mundial, a primeira medida deveria ser exigir qualidade do piso que os atletas jogam e treinam.

FUTEBOL PROFISSIONAL NÃO SE JOGA EM GRAMADO SINTÉTICO!

#NãoaoGramadoSintético

Neymar foi um dos primeiros a publicar o manifesto nas redes sociais



O Correio alertou para a tendência ao veto a grama sintética na Europa

A reversão de sintético e natural não é simples. Especialistas ouvidos pelo **Correio** falam em um longo período de inatividade. A infraestrutura dos dois pisos é distinta. O sintético tem uma base drenante na qual podem ser utilizada brita ou pedra. O convencional exige um sistema de drenagem, colchão drenante de areia, uma camada de areia para enraizar a grama, e o sistema de irrigação. Portanto, não é tão somente trocar uma pela outra.

A execução demanda até 120 dias. A celeridade depende da metodologia do plantio. Se for em rolo, o campo fica liberado em três meses entre a execução e a consolidação, ou seja a liberação para jogo. Caso a escolha seja por mudas, o prazo arrisca chegar a quatro meses.

"Se gramado sintético fosse bom, a vaca comia. Eu acho que o melhor é grama natural. Este piso é diferente. Se você pegar campos onde se usa muito isso vai ver a reincidência de lesões. Aí você vai ver a diferença"

Dunga,

em 2013 quando era técnico do Internacional

A decisão sobre a manutenção ou não do piso artificial é tomada pelos presidentes dos clubes no Conselho Técnico convocado anualmente pela Confederação Brasileira de Futebol (CBF) antes do início da Série A. Dos 20 dirigentes, apenas dois jogaram futebol profissionalmente: o ex-meia Pedrinho (Vasco) e o ex-goleiro Eduardo Ferretti (Bahia).

No ano passado, alguns clubes tentaram colocar em votação no Conselho Técnico o veto total ao gramado sintético. O presidente Ednaldo Rodrigues teria resistido sob o argumento de que faltava um mês para o início da Série A. Para amenizar o debate, ficou definido que os clubes visitantes teriam direito a treinar no gramado artificial na véspera da partida.

Objetivamente, com tamanho e representatividade que tem o nosso futebol, isso não deveria nem ser uma opção. A solução para um gramado ruim é fazer um gramado bom, simples assim.



Os jogadores viralizaram a campanha por partidas em gramados naturais

R\$ 13 milhões

investiu o Atlético-MG na troca do piso natural pelo artificial na Arena MRV

mas só manda jogos da Seleção em campos naturais. No ano passado, preferiu o velho Couto Pereira à moderna Ligga Arena, um dos 12 estádios da Copa de 2014. Motivo: a casa do Atlético-PR trocou por sintética depois do Mundial.

Um Pesquisão realizado pelo portal UOL no fim do ano passado com jogadores profissionais aferiu que 71,8% são contra o gramado artificial. Somente 28,2% aprovam piso sintético. A pergunta do levantamento dizia: "Você é a favor da grama sintética?"

O Palmeiras se posicionou em nota oficial sobre a polêmica. "Não há qualquer comprovação científica de que o risco de lesão aumenta em grama sintética. Pelo contrário: estudo aponta que a

incidência em campos artificiais é menor que em campos naturais", diz a nota. "O clube respeita a opinião dos atletas que manifestaram preferência por campos de grama natural e considera urgente o debate sobre a qualidade dos gramados do futebol brasileiro; este problema, contudo, não será solucionado com críticas rasas e sem base científica".

Como mostrou uma reportagem recente do **Correio**, as principais ligas da Europa aboliram o gramado sintético. A última delas foi a Eredivisie, o Campeonato Holandês. Está vetado a partir da temporada de 2025/2026. Inglaterra, Itália, Alemanha, França e Portugal impedem. O Super Bowl 59 foi realizado em piso artificial neste mês pela 25ª vez, porém, a NFL — liga profissional de futebol americano —, caminha para campos 100% naturais.

Motivo: pesquisa encomendada pelo sindicato aponta que 92% dos jogadores preferem assim. Campeão, o Philadelphia Eagles usa gramado híbrido. Vice, o Kansas City Chiefs adota natural. As últimas três edições do Brasileirão foram conquistadas por equipes clubes mandantes em gramados artificiais: Palmeiras (2022 e 2023) e o Botafogo (2024).

Os defensores do piso artificial no Brasil contra-atacam apontado para gramados naturais esburacados. Um deles, o do Maracanã, lesionou Gabriel Barbosa no ano passado em uma partida do Flamengo. Na gestão do presidente destituído da CBF, Rogério Caboclo, havia uma Comissão Nacional de Inspeção de Estádios. Os profissionais da área atribuíam notas ao piso. Com nota 6,1, o Mané Garrincha perdeu uma partida da Seleção contra a Venezuela pelas Eliminatórias para o Morumbi, cuja menção era 9,5. A equipe foi extinta.

A reportagem entrou em contato com a Liga do Futebol Brasileiro (LiBra) e a Liga Forte União (LFU) sobre a polêmica, mas ambas não se manifestaram por considerarem um movimento específico dos jogadores. A CBF também não havia se pronunciado até o fechamento desta edição.